



# A CONCEPÇÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DA PATERNIDADE JUNTO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

## *THE CONCEPTION OF MAN IN THE EXERCISE OF FATHERHOOD WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER*

*Aline Cristina de SOUZA*

Doutora em Educação Especial. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-3004-8358> |  [alinezenaro@gmail.com](mailto:alinezenaro@gmail.com)


SOUZA, Aline Cristina de. *A concepção do homem no exercício da paternidade junto ao transtorno do espectro autista (TEA)*. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, v. 11, n. 2, e0240017, 2024.

**RESUMO:** o presente estudo teve por objetivo compreender a perspectiva paterna acerca do exercício da paternidade junto ao filho com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, foi proposto um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. A amostra foi composta por 15 pais (homens), residentes em uma cidade no interior do estado de São Paulo, de médio porte, que possuíam um filho de até seis anos de idade diagnosticado com TEA. O instrumento de coleta de dados pautou-se em um roteiro de entrevista semiestruturado, com 48 perguntas, das quais utilizou-se apenas quatro para este recorte. A coleta de dados foi realizada em formato presencial. A análise de dados ocorreu por meio de análise de conteúdo com a criação de categorias. Os resultados obtidos demonstraram que os pais possuem uma visão acerca da boa paternidade que perpassa o provedorismo. O TEA tem impacto direto no emocional dos homens, o que requer maiores observações e compreensões em torno dos sentimentos, para que estes corroborem para a paternidade efetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paternidade. Exercício da paternidade. Transtorno do Espectro Autista. Parentalidade ativa.

**ABSTRACT:** this study aimed to understand the father's perspective about the exercise of fatherhood with the child diagnosed with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Therefore, a qualitative, exploratory and descriptive study was proposed. The sample consisted of 15 fathers (men) who had a child up to six years old diagnosed with ASD. The data collection instrument was based on a semi-structured interview script, with 48 questions, of which only four were used for this cut. Data analysis occurred through content analysis with the creation of categories. The results showed that parents have a vision about good parenting that permeates providerism. ASD has a direct impact on men's emotions, which requires greater observations and understanding of feelings, so that they support effective fatherhood.

**KEYWORDS:** Fatherhood. Exercise of fatherhood. Autism Spectrum Disorder. Active parenting

 <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2024.v11n2.e0240017>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

# **A CONCEPÇÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DA PATERNIDADE JUNTO AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

## *THE CONCEPTION OF MAN IN THE EXERCISE OF FATHERHOOD WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER*

*Aline Cristina de SOUZA<sup>1</sup>*

**RESUMO:** o presente estudo teve por objetivo compreender a perspectiva paterna acerca do exercício da paternidade junto ao filho com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, foi proposto um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. A amostra foi composta por 15 pais (homens), residentes em uma cidade no interior do estado de São Paulo, de médio porte, que possuíam um filho de até seis anos de idade diagnosticado com TEA. O instrumento de coleta de dados pautou-se em um roteiro de entrevista semiestruturado, com 48 perguntas, das quais utilizou-se apenas quatro para este recorte. A coleta de dados foi realizada em formato presencial. A análise de dados ocorreu por meio de análise de conteúdo com a criação de categorias. Os resultados obtidos demonstraram que os pais possuem uma visão acerca da boa paternidade que perpassa o provedorismo. O TEA tem impacto direto no emocional dos homens, o que requer maiores observações e compreensões em torno dos sentimentos, para que estes corroborem para a paternidade efetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paternidade. Exercício da paternidade. Transtorno do Espectro Autista. Parentalidade ativa.

**ABSTRACT:** this study aimed to understand the father's perspective about the exercise of fatherhood with the child diagnosed with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Therefore, a qualitative, exploratory and descriptive study was proposed. The sample consisted of 15 fathers (men) who had a child up to six years old diagnosed with ASD. The data collection instrument was based on a semi-structured interview script, with 48 questions, of which only four were used for this cut. Data analysis occurred through content analysis with the creation of categories. The results showed that parents have a vision about good parenting that permeates providerism. ASD has a direct impact on men's emotions, which requires greater observations and understanding of feelings, so that they support effective fatherhood.

**KEYWORDS:** Fatherhood. Exercise of fatherhood. Autism Spectrum Disorder. Active parenting

## **INTRODUÇÃO**

A parentalidade contribui para além do estabelecimento de laços sociais, implica em uma construção cotidiana para o desenvolvimento de diferentes segmentos, como:

<sup>1</sup> Doutora em Educação Especial. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais, Brasil. E-mail: alinezenaro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3004-8358>

social, afetivo, cognitivo, dentre outros. O conceito de parentalidade engloba a dimensão simbólica do que consiste em ser pai ou mãe, que abrange desde o nascimento de um filho até a transformação do cenário vivenciado (Konicheckis, 2008; Golse, 2006; Stern, 1997).

Diante disto, a paternidade pode ser entendida, então, como um significante decisivo na construção da identidade do sujeito (Rosa, 2008), pois promove transformações na vida conjugal e na forma de se relacionar com o mundo. Além disso, é fundamental para a construção da identidade do filho, na medida em que lhe serve de referência. A paternidade também não pode ser considerada estática, já que ela se transforma ao longo da vivência do papel de pai.

A paternidade consiste, então, em um processo dinâmico e contínuo, que se dá por meio das relações do pai com sua família e consigo próprio. Com a transformação da composição familiar ao longo dos anos, tornou-se necessário rearranjar os papéis exercidos por cada membro da instituição, desse modo, as novas exigências se tornaram emergentes junto aos pais (lê-se homens), considerando, então, o estabelecimento de divisões de funções, cumprimento de cuidados ofertados à criança, acompanhamento escolar, dentre outros (Pombo, 2019).

Apesar das transformações vivenciadas, a literatura aponta que quando uma criança com deficiência e/ou transtorno é concebida por uma instituição familiar, as demandas se tornam mais latentes e os rearranjos mais imperativos (Silva; Dessen, 2001; Fiamenghini Jr; Messa, 2007; Caiola, 2017; Correia; Seabra-Santos, 2018).

Parte-se, então, da concepção de que o nascimento de uma criança por si só já é suficiente para gerar inúmeras expectativas nos pais e em todos os membros da família. No entanto, quando a criança apresenta algum tipo de deficiência e/ou transtorno toda a expectativa se rompe e novos desafios são impostos aos genitores, devendo rearranjar toda a estrutura familiar, seja física ou emocionalmente.

Desse modo, a parentalidade atípica requer um cuidado diretivo/interventivo para com o filho, mas também para com os próprios genitores (Moreira, 2022). Mediante o exposto, observa-se ao longo dos processos investigativos científicos, relacionados às famílias atípicas, que existe uma vertente muito forte em se pesquisar sempre acerca da mãe, inserindo o pai em um “plano de fundo”. Para tanto, o presente estudo busca ressaltar, especificamente, as percepções dos homens em torno do exercício da paternidade, nas suas mais diferentes nuances junto ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA configura-se em um transtorno do neurodesenvolvimento, com diferentes características que apresentam prejuízos persistentes em: comunicação e interação social, além de comportamentos repetitivos e restritivos (Apa, 2014). Somado a isto, tem-se três

principais níveis de acometimento – nível um, dois e três, diferenciados pela necessidade de suporte apresentada pelo indivíduo.

Segundo Farrell (2008), o autismo é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, com base biológica relacionado a fatores genéticos e, associado a fatores ambientais. Ainda hoje, não se tem uma causa única para o autismo, e os cientistas o atribuem a uma causa multifatorial, contudo, de origem genética.

Frente ao crescimento exponencial de diagnósticos de TEA e a escassez de documentos que investigam os homens, enquanto pais atípicos, realizou-se uma busca na base de dados Scielo com o descritor – Paternidade -, observou-se o quantitativo de 238 estudos, porém, ao inserirmos o cruzamento de descritores, sendo: Paternidade *AND* Atípico; Paternidade *AND* Autismo; Paternidade *AND* TEA, observou-se um quantitativo negativo, ou seja, nenhum estudo foi encontrado cruzando estes dados. Quando a tentativa descritora foi – Autismo *AND* Pai – obtiveram-se seis documentos, dos quais dois retratavam a mãe como responsável e os outros quatro, os pais, no sentido de parentalidade.

Os dados pesquisados demonstram a fragilidade da área estudada no país, e a necessidade de se aprofundar o conhecimento acerca do genitor, o seu exercício frente ao filho atípico e as suas perspectivas, expectativas, emoções e afins, possibilitando-lhe um lugar de fala.

Diante do exposto acima, o presente estudo tem por objetivo compreender a perspectiva paterna acerca do exercício da paternidade junto ao filho com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A pesquisadora levantou como hipótese a existência de conflitos constantes em torno do exercício da paternidade, ora na responsabilidade financeira e provedora, ora na demonstração afetiva, emocional e interacional. Acredita-se que os genitores não possuem dimensão do impacto da paternidade na vida de seus filhos e demais membros da família, como parceiras e demais filhos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Caracterizou-se a presente pesquisa como qualitativa, em caráter exploratório e descritiva. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009) os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. A especificidade exploratória, segundo Gil (2008), busca auxiliar a familiarização e o conhecimento sobre o tema sem propor uma hipótese para análise.

Conseqüentemente, tem-se o perfil descritivo, este volta-se para uma população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (Gil, 2008, p.28).

O estudo foi composto por 15 participantes do sexo masculino, que estavam de acordo com os critérios pré-estabelecidos pelas pesquisadoras, sendo: (a) ter pelo menos um filho com diagnóstico de autismo em idade pré-escolar (cinco anos); (b) ser casado ou manter união estável; (c) ter contato direto com os filhos e; (d) aceitar participar da pesquisa.

A amostra foi contactada e selecionada a partir da escola que seus filhos estudavam, uma instituição especial que possuía um setor específico de autismo. A pesquisa foi apresentada ao gestor, com posterior aprovação os pais foram contactados e, novamente a pesquisa foi explicada a eles. Com a adesão da sua participação, o agendamento da entrevista foi realizado.

Após a coleta de dados, foi possível observar que a média de idade dos pais foi de 38,8 anos, variando entre 27 anos e 55 anos de idade. Do total de participantes, 13 eram casados ou mantinham união estável com as respectivas mães da criança autista, enquanto que, apenas dois pais eram solteiros e detentores da guarda do filho.

O nível de escolaridade dos genitores se resumiu em: sete possuíam o ensino médio completo, quatro possuíam ensino superior incompleto, três pais possuíam o ensino fundamental incompleto e somente um pai possuía o ensino superior completo com pós-graduação. A renda média mensal dos pais foi de R\$3.746,00, variando de R\$1.500,00 a R\$10.000,00. Quando ao poder aquisitivo, avaliado pelo Critério Brasil, a maioria dos participantes pertenciam à classe C1, variando entre as classes B1 a D. Verificou-se que predominam na amostra as crianças do sexo masculino, sendo 11 meninos e somente quatro meninas.

A média de idade dessas crianças foi de 5,2 anos, variando entre três e oito anos de idade. Com relação ao número de filhos, a média dos pais se manteve em 2,3 filhos por casal, variando de um a nove filhos por família.

A pesquisa ocorreu de forma presencial, a partir da preferência de local indicado pelos genitores, sendo, portanto, na casa dos pais ou na universidade pública federal, localizada no interior do estado de São Paulo, em uma cidade de médio porte, no ano de 2015.

O estudo passou por aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Utilizou-se como instrumento de investigação, um roteiro de entrevista semiestruturado elaborado por Souza (2016) a partir de Nunes (2006) e Saladini (2013).

O roteiro apresentava 48 perguntas abertas, voltadas para os pais (homens), porém, neste estudo será utilizado um recorte, no qual apenas quatro questões foram selecionadas para a discussão. Os dados foram obtidos por meio da gravação das entrevistas e com aprovação dos participantes, o que corroborou para sua posterior transcrição, para obter maior fidedignidade dos resultados.

Realizou-se a análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2010) tem como objetivo “trabalhar a fala e conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (p.45). Das respostas obtidas foram elaboradas categorias que auxiliaram o processo de discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados a seguir compõem um estudo mais amplo (dissertação de mestrado realizada por Souza (2016), no qual buscou compreender o impacto do autismo no pai (homem), para tanto, foram selecionados apenas alguns elementos para desenhar este estudo. Inicialmente, foi questionado aos pais que definissem o que é ser um bom pai, as respostas obtidas estão descritas na Tabela 1.

**TABELA 1** - Definição do que é ser bom pai, na perspectiva dos participantes

Categorias	Porcentagem	Falas Ilustrativas
Não souberam responder	26,7%	P1 - “Vixe, agora você me pegou viu, <b>não sei não</b> ”.
Dar atenção	20,0%	P5 - “Ah, eu acho que principalmente <b>dar atenção</b> , carinho, amor, né?”.
Ser participativo	13,3%	P13 - “Independente do quadro, do jeito que é o filho, <b>é ter participação</b> . É participar, tentar ao máximo. O meu pai, eu achava que ele era um bom pai, tudo o que eu queria ele comprava, mas ele nunca sentou e perguntou sobre mim, sobre o que eu gostava. Ele não passou um minuto conversando comigo. Eu acho que suprir financeiramente é bom, mas não é tudo, não tem nada a vê. Eu tento fazer tudo com eles o que eu não tive, dar atenção, viajar juntos, estar juntos. Eu tento fazer o que eu posso e o que eu não posso”.
Fazer de tudo para o filho	13,3%	P3 - “Para mim seria... <b>o tempo todo estar fazendo as coisas</b> , estar podendo... Foi o que eu te falei meu tempo é curto de ficar com ele, ficar mais com ele”.
Cuidar do filho	13,3%	P10 - “Ah, ser um bom pai <b>é cuidar dele</b> para que amanhã ele possa se virar sozinho. Né? Porque a gente não vai estar aqui a vida inteira, porque amanhã ou depois eu vou ficar velho e ele ainda vai estar novo”.

Ter paciência	6,7%	P14 - “Olha no meu modo de ver com a minha experiência, <b>é ter paciência</b> , se desligar um pouco das nossas próprias vontades, nos colocar um pouco em segundo plano, acho que também não ser tão meloso, ser rígido quando precisa ser e ser bobão quando precisa ser, mas eu acho que o principal é você deixar as suas próprias vontades de lado, desde que não afete a criança”.
Ser o provedor financeiro	6,7%	P2 - “Ah... Em minha opinião eu sempre achei assim, que eu falto muito com as crianças para ser um bom pai deles, principalmente parte financeira. <b>Financeiramente eu não pude, não posso ainda dar o que exatamente eles merecem</b> , no caso seria a alimentação, né? Um bom pai tem que fazer o possível para alimentar os filhos, isso é o legal. Ser um bom pai é isso. Poder ajudá-los em roupas, calçados que tem bastante necessidade disso aí”.

Fonte: própria autora, 2014.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, 26,7% dos pais não souberam definir o que é ser um bom pai, 20,0% disseram que dar a atenção necessária aos filhos se remete a um bom pai. Além disso, 13,3% dos pais afirmaram que um bom pai tem que ser participativo, enquanto que outros 13,3% disseram que um bom pai deve cuidar do filho. Apenas um participante definiu que para ser bom pai é preciso ter paciência, além de outro participante ter definido bom pai como o provedor financeiro.

Diversos autores discutem o que é ser um bom pai. Para Benczik (2011), ser um bom pai consiste em estabelecer um processo interacional. Enquanto que Nóbrega (2011), afirma ser a afetividade o fator preponderante. Já para Pereira (2014), a definição é muito complexa, uma vez que apresenta, ainda, a prevalência do conceito de provimento/sustento para os filhos, como uma definição recorrente para tornar qualitativa a paternidade e, por fim, Braga e Lima (2020), indicam a autoridade, como uma característica que compete aos genitores e os torna efetivo.

Observa-se, então, que se torna complexo definir o que é ser um bom pai, uma vez que se esbarra em um caráter subjetivo tal conceituação e, que precisa ser considerado mediante a necessidade de compreensão do papel, porém, há que se considerar a transição social e a transformação de papéis vivenciados ao longo dos anos.

Por meio das falas dos participantes na Tabela 1, compreende-se a variação de definição para cada um dos participantes, o que reforça a ideia de subjetividade, uma vez que o que é bom para um, pode não vir a ser para outro. Portanto, do ponto de vista analítico, ser bom pai consiste em exercer uma paternidade ativa, ou seja, estabelecer relações com sua família, seu filho e consigo próprio, a partir de um processo dinâmico e contínuo (Zornig, 2010).

A paternidade na contemporaneidade, engloba, então, a participação e o compartilhamento de funções em tarefas domésticas, socioeconômicas e de planejamento familiar (Silva, 2020). Posteriormente, foi investigado acerca do exercício da paternidade, buscando que os genitores realizassem uma autoanálise frente ao seu papel. A Tabela 2 possui os resultados obtidos.

**TABELA 2** - Autoanálise dos participantes frente ao exercício da paternidade

Categorias	Porcentagem	Falas Ilustrativas
Considera-se um bom pai	60,0%	P1 - “Sim. <b>Eu sou um bom pai sim. Um pai presente.</b> Um pai enérgico, corrigir, quando tem que corrigir, chamar atenção. Eu faço a minha parte”.
Poderia ser melhor	33,3%	P13 - “ <b>Acho que eu poderia ser mais, mas eu não tenho tempo para isso.</b> Eu teria que me organizar melhor, eu acho que eu sou muito aventureiro, eu tenho essa empresa, eu tenho aquela empresa”.
Não se considera um bom pai	6,7%	P11 - “ <b>Não, sou muito ausente.</b> Eu poderia ser mais presente. Melhor eu não sei, porque eu não vou mudar. Eu posso fazer mais, mas eu não faço mais porque eu quero um tempo para mim, porque eu gosto de beber cerveja, jogar truco e conversa fora”.

Fonte: própria autora, 2014.

A partir da Tabela 2 têm-se como resultados de autoanálise os seguintes percentuais: 60,3% se consideram um bom pai, seguido de 33,3% que acreditam que poderia ser melhor, enquanto que 6,7% não se consideram um bom pai.

Segundo Abade e Romanelli (2018, p.5), o exercício da paternidade é algo em processo, em constante fluxo nas relações cotidianas entre pai e filhos e assume formas específicas em cada sociedade.

Alguns autores afirmam que o pai, em muitos momentos, é excluído do processo de estabelecimento de vínculo junto ao filho, devido à crença de funções tradicionais voltadas para o gênero feminino e, que compete somente ao homem ser o provedor financeiro (Bornholdt, 2006, Staudt, Wagner, 2007; Levandowski & Piccinini, 2006; Piccinini *et al.*, 2004).

Por meio das falas descritas no quadro, observamos alguns discursos paternos que se voltam para a mesma compreensão acerca do que é ser um bom pai – estar presente. De acordo com Bernardi (2017, p61), apesar do incentivo para que o pai esteja mais presente na vida dos filhos, ele ainda enfrenta inúmeros desafios.

Entende-se por desafios inúmeras variáveis que podem vir a dificultar a sua presença, no entanto, há que se considerar que a compreensão do seu papel é fundamental para que tais desafios sejam minimizados frente a demanda de estar com o filho.



O participante que não se considera um bom pai ressalta - **“Não, sou muito ausente. Eu poderia ser mais presente. Melhor eu não sei, porque eu não vou mudar. Eu posso fazer mais, mas eu não faço mais porque eu quero um tempo para mim, porque eu gosto de beber cerveja, jogar truco e conversa fora”**. Este genitor tem consciência de que pode fazer mais, porém, é uma escolha sua não realizar, uma vez que ele julga merecer o seu tempo individual como relevante.

Não realizamos apontamentos para com os participantes e, sim, levantamos objetos de reflexão em torno da paternidade participativa, e que ser presente, estabelecer vínculos e realizar cuidados e tarefas para com o filho não impedem, em hipótese alguma, de ter seus momentos de individualidade. O questionamento que fazemos, no entanto, é: e a mãe? Em que momento ela tem o seu momento individual? De cuidado próprio?

Nesta perspectiva, Garcia (2019, p.52) discorre que

[...] as normas sociais, culturais e jurídicas brasileiras, associadas ao conceito tradicional de masculinidade, atuam como estruturas que sustentam a desigualdade de gênero no que tange aos espaços de atuação dos homens e mulheres em relação ao cuidado. Tais normas influenciam diretamente no bem-estar da família no período de vivência da paternidade e maternidade, pois limitam as possibilidades de conexão emocional dos pais com seus filhos através da rotina e da participação ativa nas ações de cuidado; e, em paralelo, sobrecarregam as mães com cargas triplas de trabalho (trabalho remunerado, trabalho de cuidado dos filhos e trabalhos domésticos).

Em consonância, entende-se que existe um enraizamento da concepção de divisão de tarefas do que compete a cada genitor, porém, com a transformação social, tais papéis se tornaram mais confusos, sem uma real delimitação, o que é efetivo em nossa percepção, uma vez que não se precisa estabelecer tarefas, papéis e funções, mas sim exercer em colaboração, devido a ser responsabilidade de ambos. Desse modo, retoma-se a discussão de participação ativa e consciente, no qual acontece quando o homem se encontra inserido no processo e tem a consciência que sua participação faz a diferença para a sua companheira e seu filho (Belfort Junior; Lima, 2019).

Os autores Silva, Vieira e Scheider (2016), afirmam que diferentes aspectos pessoais e contextuais influenciam diretamente no envolvimento paterno e no seu respectivo exercício. Com relação aos aspectos pessoais têm-se: motivação, habilidades, características da criança e sociodemográfica. Enquanto que as dimensões contextuais são: suporte, trabalho, relacionamento, dentre outros.

Portanto, torna-se subjetivo compreender o exercício da paternidade em seu caráter mais amplo, uma vez que envolve inúmeras variáveis que impactam diretamente no processo relacional, social, afetivo e laboral do homem para com seus filhos.

Consequentemente, os pais foram convidados a responder sobre a relevância participativa frente ao desenvolvimento de seus filhos, a Tabela 3 apresenta os resultados a seguir.

**TABELA 3** - Importância da figura paterna para a vida dos filhos com TEA

Categorias	Porcentagem	Falas Ilustrativas
Sim	93,3%	P14 - “Não só dito por mim, mas pela avó dela também, <b>eu me vejo sim como importante</b> ”.
Essencial	6,7%	P13 – “ <b>Ah eu acho que praticamente essencial</b> . Tudo. Não tem... Da minha mão sai o sustento, eu tento ajudar o máximo que eu posso”.

Fonte: própria autora, 2014.

A compreensão em torno da relevância da figura paterna foi observada nas respostas dos participantes na Tabela 3, no qual todos dissertaram que consideraram importante sim, a figura do pai. De acordo com 93,3% da amostra o pai é importante, enquanto que 6,7% afirmaram ser essencial.

Esta pergunta nos leva a refletir em muitos aspectos: se os pais (homens) têm consciência da importância da sua figura para a vida de seus filhos e, se sim, por que muitos não cumprem com o papel efetivamente?

O recorte de amostra que temos é muito pequeno, comparado ao quantitativo de homens e pais existentes no Brasil, portanto não generalizamos, mas levantamos o questionamento como forma de ponderação para com as responsabilidades.

Considerando a importância paterna, um estudo realizado por Tadeu et al. (2020) objetivou descrever a importância da participação do pai na primeiríssima infância. Por meio de uma revisão bibliográfica chegaram-se aos seguintes resultados: o estabelecimento de vínculo é primordial, pais que se relacionam com seus filhos desde o nascimento estimulam desenvolvimento físico e mental, a criança tende a desenvolver novas habilidades que a preparam para vida social.

Diante do exposto, compreende-se que a paternidade vai além da concepção social, está diretamente relacionada com a capacidade de colocar em prática o que compete ao homem, no caso ser responsável pelo filho que também foi gerado por ele. No entanto, observam-se, ainda, equívocos quanto ao conceito de importância e a sua significação, como podemos observar na fala do participante 13 - “**Ah eu acho que praticamente essencial**. Tudo. Não tem... **Da minha mão sai o sustento**, eu tento ajudar o máximo que eu posso” (sic!) [Grifo nosso].

A perspectiva de “sustento” – provento, ainda é a forma de representação da paternidade mais relevante para muitos homens [e sujeitos da sociedade]. Porém, reitera-se que o exercício da paternidade vai além do provento financeiro, que implica muitas outras variáveis, tal dado nos leva a compreender que se faz necessário discutir, mais profundamente, elementos que permeiam a importância e a responsabilidade paterna, a fim de que a sensibilização ocorra frente às transformações vivenciadas na contemporaneidade. Em seguida a Tabela 4 apresenta o sentimento do pai frente ao diagnóstico de TEA.

**TABELA 4** - Sentimento frente ao diagnóstico de TEA

<b>Categorias</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Falas Ilustrativas</b>
É normal	60,0%	P4 – “Ah é... Não tem problema não, <b>pra mim é normal</b> . A vida é normal”.
Não souberam responder	20,0%	
Se sente prejudicado	6,7%	P11 - “Não sei, como eu me sinto? <b>Eu me sinto prejudicado</b> , primeiro porque a gravidez dela não deveria ter ocorrido, não foi planejada e não deveria ter ocorrido, porque já bastava a G. Na minha cabeça, a minha aposentadoria teria já começado, o trabalho se prolonga porque eu não posso me dispor de alguns valores que eu teria... Eu perderia por conta da aposentadoria, mas com as despesas da G. e da L. eu vou ter que trabalhar até os 62 anos, 63 anos, isso vai encurtar meu tempo de ócio. Por causa disso eu me sinto prejudicado”.
Se sente orgulhoso	6,7%	P2 - “Ah... <b>Eu ainda sinto orgulho, eu sinto orgulho de ser pai dela</b> . Mesmo que ela tenha autismo, porque ela é muito inteligente, é saudável apesar disso aí ela é saudável, fisicamente ela é saudável, muito forte”.
Se sente frustrado	6,7%	P13 - “ <b>Às vezes frustrado</b> , porque eu acho que por mais que a gente vai correr... eu tento assim, na minha cabeça o que eu penso, o que eu queria para o R., é que ele fosse independente. Que ele tenha um apartamento, que ele faça a comida dele, ir ao banheiro, se cuidar sabe. Eu acho que ele não vai conseguir isso. É meio frustrante eu acho”.

Fonte: própria autora, 2014.

Como mostram os dados da Tabela 4, 60,0% dos pais disseram se sentir normal, não vendo maiores problemas com relação à deficiência do filho e 20,0% não souberam responder. Um pai afirmou se sentir orgulhoso. Dois pais disseram se sentir prejudicados e frustrados, respectivamente, por serem pais de uma criança com autismo.

Sabe-se que a paternidade por si só já transforma o sujeito, quando a paternidade vem acompanhada de um filho atípico, a mudança se faz ainda mais relevante. Compreender as nuances que englobam essas alterações nos auxilia no processo de perspectiva macro que contempla o social, cultural, interacional, educacional etc.

Ao se buscar e efetivar o diagnóstico muitos dispositivos são ativados e, conseqüentemente, inúmeros sentimentos emergem. De acordo com a literatura cinco processos podem ser esperados pelos familiares – raiva, tristeza, culpa, negação e aceitação. Não existe uma regra que delimita que todos irão perpassar por todas as etapas, mas que elas estão presentes em muitas famílias e membros, isso não há dúvidas.

De acordo com Silva e Oliveira (2017), a raiva pode ser substituída pela tristeza, trata-se de uma reação saudável e esperada, uma vez que existiu a perda do filho idealizado<sup>2</sup> e o estresse vivenciado pelo diagnóstico de autismo. Da mesma forma, a recusa também pode estar presente, no qual se buscam respostas e questiona-se constantemente do por que ter ocorrido isto na família. Posteriormente, tem-se a negação, com mistura constante de culpa. Por fim, ocorre a aceitação, ao atingir esta etapa os pais estão se sentem prontos para trabalhar, intervir e buscar o conhecimento em torno do TEA e as inúmeras nuances que perpassam o desenvolvimento de seus filhos.

Partindo do exposto, entende-se que trabalhar o impacto do autismo na família é fundamental, mas com cada um de seus membros também. As respostas obtidas apresentam variações, porém, enquanto pesquisadora saliento a necessidade de se aprofundar o conhecimento e a investigação, portanto, grande parte da amostra afirma ter se sentido “normal” com o diagnóstico. Compreendemos a perspectiva dada, mas conforma a literatura aponta para a efetividade do impacto do diagnóstico nos membros familiares, entende-se que isto corrobora para a crença de que o sentimento deve ser definido com mais profundidade, e não como normal. Permite-se entender, então, que a fala da amostra com “é normal” refere-se à aceitação do diagnóstico.

Duas falas necessitam ser enfatizadas – “*Eu me sinto prejudicado ...*” e “*Às vezes frustrado...*”. Esses sentimentos remetem expressão de emoções que demandam suporte por diferentes vieses, mas, principalmente, a partir da perspectiva que não dificultem o acesso e a realização do exercício da paternidade, devido a existência do diagnóstico. Para tanto, um caminho possível são as intervenções, primeiramente com a criança diagnosticada com TEA e, posteriormente, com a família, considerando as fragilidades, o resgate psíquico dos membros, buscar equilíbrio entre os papéis e as demandas existentes (Baptista; Bosa, 2002; Silva; Oliveira; 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender a perspectiva paterna acerca do exercício da paternidade junto ao filho com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

<sup>2</sup> A literatura aponta para a existência da idealização do filho antes do nascimento, com projeções futuras para o mesmo, entretanto, tais destaques são rompidos quando a criança nasce ou é diagnosticada ao longo do desenvolvimento infantil (Pessoal et al., 2022; Mariano; Romanha, 2019; Constatinidis et al., 2018).

A partir de uma investigação empírica, pode-se observar alguns pontos fundamentais do processo de paternidade atípica.

A concepção de paternidade requer maior aprofundamento, uma vez que sua compreensão ainda não está totalmente fundamentada, por apresentar caráter subjetivo, entretanto, acredita-se que as transformações sociais contribuem para essa difusão deturpada acerca do que é ser pai. Porém, ressalta-se que o exercício da paternidade vai além de se considerar um “bom pai ou não”, envolve a responsabilidade para com o filho, o que requer a aplicabilidade e realização de tarefas junto à criança.

Entende-se que os genitores possuem conhecimento acerca da relevância da paternidade e o impacto da mesma para a vida do filho, independentemente da presença de um diagnóstico de TEA. No entanto, o discurso permeia a perspectiva de provedor, o que corrobora para que o exercício paterno seja minimizado somente pelo provento, e enfatiza o que os estudos científicos retratam quando realizamos a pesquisa nas bases de dados, sempre com ênfase na maternidade, subentendendo assim, que a responsabilidade de cuidados é somente da mãe.

A pesquisa também demonstrou a necessidade de se aprofundar nas emoções paternas [e familiares], uma vez que o impacto do autismo recai também sobre o homem. Lidar com os sentimentos é tarefa primordial para que o exercício da paternidade seja realizado em plenitude. Porém, observam-se resistências em se discutir essa temática tão relevante para o processo se efetivar.

A pesquisa permitiu também compreender que a paternidade ainda consiste em uma área pouco explorada, principalmente quando atrelada a algum outro objeto de estudo, como o TEA. Recomenda-se aprofundar as pesquisas relacionadas ao exercício da paternidade ativa, paternidade e filhos com diagnósticos, além de correlacionar temas, de modo a ampliar o conhecimento em torno do assunto abordado.

O estudo apresentou limitações de público, uma vez que nem sempre os pais (homens) aceitam participar de pesquisas, além disso observou-se insuficiência de literatura brasileira para que a discussão fosse melhor fundamentada, no qual os artigos encontrados datam dos anos 2000, portanto, ressalta-se a necessidade de se investigar mais profundamente este público e temática.

## REFERÊNCIAS

ABADE, Flávia; ROMANELLI, Geraldo. Paternidade e paternagem em famílias patrifocais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.26, n.2, e50106, p.1-18, 2018.

APA. American Psychiatry Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM -V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

- BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. Autismo e educação: atuais desafios. In: BAPTISTA *et al.* **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.11-20.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70ª ed. São Paulo: Martins Fonte, 2010.
- BELFORT JUNIOR, Ivaldo Gercino de Carvalho Pires; LIMA, Viviane de Souza Brandão. Paternidade ativa e consciente: participação dos pais/companheiros no pré-natal, parto e pós-parto em uma unidade de saúde da família do município de Serra Talhada – PE. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, v.1, n.1, p.59-68, 2019.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.28, n.85, p.67-85, 2011.
- BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 26, n.1, 59-80, 2017.
- BORNHOLDT, Ellen Andrea. **Início de la intercción padre-bebé: perspectiva histórica, política, social y académica**. 21f. Tesis (Doctorado) – Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2006.
- BRAGA, Liliane Pereira; LIMA, Lucas Dantas. Paternidade: uma revisão integrativa. In: MAIA, Eulália Maria Chaves *et al.* **Psicologia e Saúde Materno-Infantil**. Instituto Federal Paraíba, 2020, p.83-117.
- CAIOLA, André Miguel Feikão. **Família, deficiência e transições de vida: a reconfiguração de cenários familiares na deficiência**. 2018. 108f. Dissertação [Mestrado em Educação Especial] Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Instituto Politécnico de Porto Alegre. Porto Alegre, 2017.
- CONSTANTINIDIS, Teresinha Cidis; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. “Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 1, p. 47-58, jan./mar. 2018.
- CORREIA, Raquel Alvirinho; SEABRA-SANTOS, Maria Josão. Qualidade de vida familiar na deficiência intelectual: revisão sistemática de estudos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.34, e.34414, p.1-10, 2018.
- DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... *et al.*; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2013.
- FARREL, Michael. **Dificuldades de comunicação e autismo: guia do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FIAMENGHINI JR, Geraldo A.; MESSA, Alcione A. Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v.27, n.2, p.236-245, 2007.
- GARCIA, Camila Pires Felisberto. Os desafios de exercer uma paternidade participativa no cenário de consumo brasileiro. **Consumer Behavior Review**, v.3, special edition, p.38-54, 2019.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. In: GERHARDT, Tatiana Engel *et al.* (Org.). Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p.43-65.

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 6ªed. Ribeirão Preto/SP: Atlas, 2008.
- GOLSE, Bernard. **L'être-bébé**. Paris: PUF, 2006.
- KONICHECKIS, Alberto. **De génération en génération: la subjectivation et les liens précoces**. Paris: PUF, 2008.
- LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; PICCININI, César Augusto. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.22, n.1, p.17-28, 2006.
- MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Configurações do ativismo da parentalidade atípica na deficiência e cronicidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.27, n.10, p.3939-3948, 2022.
- NÓBREGA, Neide Pereira. O papel da parentalidade na construção do sujeito. **Coletâneas da ANPEPP**, 2011, p.135-146.
- NUNES, Célia Cristina. **Interação ente irmãos de indivíduos com deficiência mental: o papel da idade e do apoio social da família**. 2006. f.157. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2006.
- PEREIRA, Léa Kellermann. **“Ser pai...” o que trago, o que levo e o quanto sou capaz: envolvimento paterno, memórias, estilo e satisfação parental**. 83f. Dissertação [Mestrado Integrado em Psicologia] Seção de Psicologia Clínica/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistêmica. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.
- PESSOA, Rayane Cardoso; MELO, Uberlane; LIMA, Jhonatan. Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA. **Revista Eletrônica – Estácio Recife**, v.7, n.2, p.1-12, 2022.
- PICCININI, César Augusto *et al.* O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.17, n.3, p.303-314, 2004.
- POMBO, Mariana Ferreira. Família, filiação, parentalidade: novos arranjos, novas questões. **Psicologia USP**, v. 30, e180204, 2019.
- ROMANHA, Geovana Aparecida Chagas; ROMANHA, Rosane. **Análise das reações emocionais e comportamentais em mães de crianças com TEA frente ao diagnóstico do seu filho**. 32f. 2019. Artigo [Trabalho de Conclusão de Curso] Graduação em Psicologia. Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019.
- ROSA, Márcia. Ser um homem segundo a tradição? *Fractal, Rev. Psicol.*, v.20, n.2, p.437-446, 2008.
- SALADINI, Aline Bianca. **Pai de crianças com deficiência: Participação e opinião sobre a inclusão pré-escolar**. 2013. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.
- SILVA, Giovanna Superbi da. **Identificação da paternidade ativa: uma revisão de escopo**. 2020. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Enfermagem] Escola Paulista de Enfermagem. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020.
- SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.17, n.2, p.133-141, Mai-Ago 2001.

- SILVA, Emanuel Natá; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. Autismo: como os pais reagem frente ao diagnóstico? **Unoesc & Ciência – ACBS**, Joaçaba, v. 8, n. 1, p. 21-26, jan./jun. 2017.
- SILVA, Maria Luiza Iusten da; VIEIRA, Mauro Luís; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Envolvimento paterno em famílias de crianças com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Bol. – Acad. Paul. Psicol.**, v.36, n.90, p.66-85, São Paulo, jan, 2016.
- SOUZA, Aline Cristina de Souza. **Família de crianças autistas: compreendendo a participação e os desafios por meio do olhar paterno**. 187f. Dissertação [Mestrado em Educação Especial] Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.
- STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.10, n.1, p.174-185, 2008.
- STERN, Daniel. **A constelação da maternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- TADEU, Diego et al. A importância da participação paterna na primeira infância: criando vínculos. In: COSTA, Elson Ferreira; SAMPAIO, Edilson Coelho. **Desenvolvimento da criança e do adolescente: evidências científicas e considerações teóricas**. Guarujá: SP Editora Científica Digital, v.1. 1ªed., 2020, p.100-110.
- ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico [online]**, Rio de Janeiro, v.42, n.2, p.453-470, 2010.